

Pioneiros da certificação

O manejo sustentável da Floresta Amazônica está apenas começando, mas já sinaliza mudanças importantes para o futuro da região. Conheça histórias de algumas pessoas que enfrentam uma cultura secular de exploração predatória da mata e levam adiante a transformação.

Desde garoto, o engenheiro paulista Fábio de Albuquerque tem verdadeira fixação pela Floresta Amazônica. Cresceu interessado nas notícias sobre o desmatamento da região, alimentando o sonho de ter um pedaço da mata apenas para preservá-la. Adulto, tornou-se um especialista em edificações de estrutura de madeira. Nos anos 80, construiu um condomínio inteiro, em parceria com o engenheiro Hélio Olga, onde as 70 casas têm arcabouços de madeira de lei. Foi Hélio, um construtor que há 22 anos trabalha com essa matéria-prima, que falou pela primeira vez sobre espécimes amazônicas extraídos de maneiras adequados e que detinham um "selo verde". A notícia reacendeu seus antigos desejos preservacionistas.

Selo sinônimo de conquistas

Fábio passou a enxergar na certificação emitida pelo Forest Stewardship Council (FSC) uma maneira de continuar trabalhando com a matéria-prima e ainda por cima preservar a floresta. Procurou instituições ambientalistas e viajou para a Amazônia



Fábio de Albuquerque,
da Ecolog



Tasso R. de Azevedo,
do Imaflora



Marina Silva,
senadora pelo Acre

atrás de madeiras que fizessem o manejo até se cercar de todos os meios para construir com madeira certificada. Essa busca começou em 1999, mas só agora seus ideais ganham forma. Com a criação da Ecolog, uma empresa de produtos florestais, ele busca servir de canal entre as comunidades extrativistas certificadas (ou em vias de certificação) e o mercado paulista. A empresa também está começando a fazer seu próprio manejo numa área de 22 mil hectares em Rondônia. Enfim, o sonho foi concretizado. "O que eu não imaginava era que esse pedaço de terra poderia ainda gerar empregos para o povo da floresta", comenta.

O SELO





ALEXANDRE SANT'ANNA

Jorge Viana,
governador do Acre

Adelaide de Fátima,
da AFG Oliveira

Carlos Vicente,
secretário da floresta do Acre

Juarez Deltrejo,
da Ecolog

MAIS VERDE

Existem vários selos ambientais. O FSC é o mais reconhecido em todo o mundo. A sigla de Forest Stewardship Council (Conselho de Manejo Florestal) representa uma entidade não-governamental presente em 49 países. Estampado num produto, o selo é uma garantia de origem. Ele atesta que a madeira utilizada é oriunda de uma floresta manejada de forma ecologicamente adequada, socialmente justa, economicamente viável e que cumpre todas as leis vigentes. Obter o selo não é tarefa fácil. Leva cerca de dois anos, tempo em que a empresa interessada tem de se submeter a investigações constantes. Mesmo quem consegue o selo continua a ser monitorado a cada dez meses, e a certificação tem de ser renovada a cada cinco anos.

Pioneiros da certificação

Início da mudança

Para impedir o desmatamento na região de Xapurí, no Acre, Chico Mendes organizou os chamados empates, em que grupos de seringueiros de mãos dadas protegiam a mata com os próprios corpos. Morto, Chico virou um símbolo internacional da luta em defesa da floresta. A cidade de Xapurí passou a ser exemplo de consciência ambiental e também laboratório das reservas extrativistas auto-sustentáveis propostas pelo líder. A Associação dos Moradores e Produtores do Projeto Agroextrativista Chico Mendes foi a primeira comunidade a ganhar a certificação – modelo que começa a conquistar a Amazônia.



Em sua peregrinação pela Amazônia, o engenheiro teve como guia o engenheiro florestal Tasso Rezende de Azevedo, um jovem que ocupa quase 24 horas do dia articulando encontros entre fornecedores, compradores, órgãos governamentais e ambientalistas com o intuito de fomentar a certificação da floresta. “Antes de conhecer Tasso, obter a madeira de manejo parecia extremamente difícil. Com seu jeito contagiante, ele me fez ver outros caminhos de trabalhar em prol da Amazônia”, conta o construtor. Com experiência em manejo florestal, Tasso deixou o cargo de secretário executivo do Instituto de Certificação Florestal (Imaflo), ONG sediada em Piracicaba, SP, para fundar o núcleo da organização na Amazônia. Usando sua própria casa como sede, ele desenvolve uma dezena de projetos sociais e ambientais, entre eles o de um curso de pós-graduação, do tipo MBA, em manejo florestal. “É na Amazônia que está o olho do furacão. É aqui que eu devo estar”, diz ele, por telefone, direto de Manaus.

As idéias se propagam

Fábio e Tasso são exemplo de pessoas obstinadas, que buscam na certificação voluntária uma maneira de salvar a Amazônia. Eles ainda são minoria. Mas, com um poder de articulação, estão disseminando suas idéias e começando a mudar o destino da floresta. “Essa história de certificação é como um vírus que contamina a gente. Não dá para pensar em outra coisa”, diz o arquiteto Juarez Deltrejo, companheiro de Fábio na Ecolog.

Apesar do esforço das ONGs, a dificuldade de encontrar matéria-prima adequada

continua. O Grupo de Compradores de Madeira Certificada, formado por designers, indústrias moveleiras e empresas da construção civil, estima que seria necessário 1,5 milhão de m³ de madeira em toras para abastecer a demanda anual das 64 empresas que formam a associação. Segundo o Imaflo, a produção hoje não passa de 350 mil m³ por ano, sendo que cerca de 80% dela vai para o mercado externo.

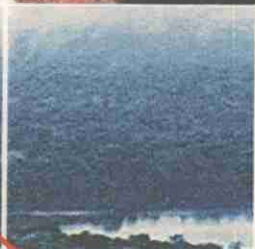
Opção pela floresta

O movimento em torno da certificação ganhou reforço no campo político desde que o engenheiro florestal Jorge Viana chegou ao governo do Acre, em 1998. Uma das metas de sua administração para os próximos anos é suprir 20% da demanda estimada pelo grupo de compradores. Junto com a senadora Marina Silva, uma ex-seringueira, Jorge implantou no Estado uma política ambiental atuante. Criou a secretaria da floresta e extrativismo, sob a batuta do também engenheiro florestal Carlos Vicente, e lançou duas estratégias para transformar a floresta num meio de produção rentável:

- fixar ex-seringueiros em comunidades extrativistas para explorar as riquezas da mata de modo sustentável;
- atuar junto às empresas, tentando substituir a extração tradicional por um manejo mais adequado.

Um exemplo bem-sucedido é o Projeto Agroextrativista **Chico Mendes**, também conhecido como Projeto Cachoeira. Ele é considerado modelo e acaba de obter o selo FSC. Outros dois projetos comunitários, o Pedro Peixoto e o Porto Dias, estão em processo de certificação. Segundo Carlos Vicente, essas iniciativas começaram

Os índios xicrim,
de Cateté, PA,
estão prestes
a se tornar a
primeira
reserva indígena
com o selo FSC



5

madeireiras da
Amazônia têm o
selo: Mil Madeireira,
Gethal, Cikel,
Lisboa e Juruá

12

outras empresas
estão em processo
de certificação

O manejo proposto pelo
FSC indica que a área
de exploração deve ser
dividida em 25 terrenos
iguais – **talhões**.

A cada ano, só um deles
é explorado, e só se volta
ao primeiro talhão depois
de no mínimo 25 anos –
tempo suficiente para
a regeneração da mata.

A base do manejo é o
inventário florestal,
que identifica os
espécimes por porte,
diâmetro mínimo, altura
e posição geográfica.
É feito então um mapa
de exploração em que
apenas três árvores são
abatidas por hectare.

80%

da madeira
certificada
da Amazônia vai
para o exterior

287 mil

hectares da
Floresta Amazônica
já estão
certificados,
ou seja,
1,9%
do território
do Acre





Projetos para o futuro

Seguindo modelos de países como Canadá, Estados Unidos e Suécia, os estados do Acre e o do Amazonas preparam programas de florestas públicas. Trata-se de matas pertencentes ao Estado, com concessão de exploração por empresas privadas, da mesma forma como hoje acontece com os recursos minerais. O principal critério na escolha da empresa concessionária é seu comprometimento com o manejo adequado da floresta. Tasso Rezende de Azevedo, coordenador do núcleo amazônico do Imafloira, acredita que, se os projetos do Acre e do Amazonas derem certo, avançaremos na discussão do Programa Nacional de Florestas, em debate no Congresso Nacional. "Dentro de cinco anos poderemos ter 10 milhões de hectares de florestas públicas na Amazônia", prevê.

Pioneiros da certificação

há apenas quatro anos e já apresentam resultados consideráveis. "Mais de mil famílias de ex-seringueiros deixaram Rio Branco e voltaram para o campo, promovendo um exemplo raro de êxodo urbano", comemora.

Resgate da profissão

Como era de esperar, a ação do governo junto às madeireiras enfrenta resistência por parte dos empresários. Mas há exceções, como é o caso de Adelaide de Fátima, da AFG Oliveira. Sua história de adesão à causa ecológica é curiosa: começou no dia em que a filha, então com 9 anos, pediu a ela para mudar de profissão, pois tinha vergonha de falar no colégio que sua mãe era madeireira. "Esse tipo de pressão foi me desgastando até que resolvi procurar o plano do governo", conta.

Quando começou a entender a idéia de manejo, a empresária mergulhou de cabeça no processo. Hoje, além de comprometida com o Grupo de Compradores de Madeira Certificada, ela participa de um projeto experimental – pioneiro em todo o mundo – que visa explorar o mogno de forma sustentável. Feito em parceria com o governo do Estado e o Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), a iniciativa repercutiu em todo o mundo e

pode reverter as restrições do mercado internacional com o chamado "ouro vermelho". Apesar desse feito de grande impacto, a maior felicidade de Adelaide aconteceu na feira de ciência da escola da filha, quando apresentou para a mesma turma, que antes a discriminava, como se faz um manejo florestal.

Estímulo à certificação

Além de extrair a madeira de forma adequada desde o ano passado, a AFG Oliveira agora é sede de cursos preparatórios de manejo e espera obter a certificação dentro de um ano. Mesmo estimando que a madeira com o selo deva custar 20% mais, Adelaide acredita que não vão faltar compradores para o novo produto. "Há mais gente interessada em madeira certificada do que a oferta", explica. O engenheiro Hélio Olga, dono da construtora Ita e cliente da AFG Oliveira, confirma que bancará o aumento no preço. "O mercado já começa a me cobrar madeiras com o selo. Tenho certeza de que com o crescimento da oferta essa diferença de preço diminuirá." Exemplos como esse podem ser um indício de que certificar a Amazônia, além de ser a salvação da floresta, pode ser também um ótimo negócio.





Com madeiras provenientes de manejo adequado, a Ecolog faz estruturas de casas, esquadrias e móveis. Aqui, projeto do escritório Reinach & Associados.